SEM OLHAR PARA TRÁS
SLAMMED • LIVRO 2
COLLEEN HOOVER
TOP SEL LER
AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

Dedico este livro a todos os que leram
Ao Ritmo de um Poema *e me encorajaram a continuar*
a contar a história da Layken e do Will.

prólogo

31 DE DEZEMBRO

«Resoluções de Ano Novo»

Tenho a certeza de que este será o nosso ano. Meu e da Lake.

Decididamente, os últimos anos não foram os melhores. Já lá vão mais de três anos desde que os meus pais faleceram de forma inesperada, deixando-me com a responsabilidade de criar o meu irmão mais novo sozinho. O facto de a Vaughn ter decidido terminar a nossa relação de dois anos, logo após a morte deles, também não ajudou nada. E, para piorar a situação, acabei por ter de desistir da minha bolsa de estudos. Abandonar a universidade e voltar para o Ypsilanti para me tornar tutor do Caulder foi uma das decisões mais difíceis que já tomei... mas também uma das melhores.

Passei todos os dias do ano seguinte a aprender a adaptar-me. A saber lidar com o desgosto, com a ausência dos nossos pais, a basicamente tornar-me um pai e o único sustento de uma família. Olhando para trás, não sei como teria conseguido sem o Caulder. Foi ele quem me manteve vivo.

Nem sequer me lembro da primeira metade do ano que passou. Para mim, o ano passado só começou a 22 de setembro,

o dia em que vi a Lake pela primeira vez. Claro que o ano acabou por ser tão difícil como os anteriores, mas de uma forma completamente diferente. Nunca me senti tão vivo como quando estava com ela, mas, tendo em conta as nossas circunstâncias, não podíamos estar juntos. Por isso, acho que não passei muito tempo a sentir-me vivo.

Este ano tem sido melhor, à sua maneira. Muito amor, muita dor, muito processo de cura, e ainda mais adaptação. A Julia faleceu em setembro. Não esperava que a sua morte me afetasse tanto como afetou. Foi quase como voltar a perder a minha mãe.

Tenho saudades da minha mãe. E da Julia. Graças a Deus, tenho a Lake.

O meu pai adorava escrever, tal como eu. Costumava dizer-me que escrever os seus pensamentos diários era terapêutico para a sua alma. Talvez uma das razões pelas quais tenho tido tanta dificuldade em adaptar-me nos últimos três anos seja o facto de não ter seguido o conselho dele. Achei que participar em competições de slam *umas quantas vezes por ano fosse «terapia» suficiente para mim. Se calhar estava enganado. Quero que o ano que se avizinha seja tudo aquilo que planeei: perfeito. Com tudo isto dito (ou escrito), a minha resolução de Ano Novo é escrever. Mesmo que seja apenas uma palavra por dia, irei escrevê-la... deitar cá para fora tudo o que sinto.*

PRIMEIRA PARTE

1

QUINTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO

Hoje matriculei-me nas aulas. Não consegui os dias que queria, mas só me faltam mais dois semestres, por isso está a ficar cada vez mais difícil ser exigente com o meu horário. Estou a pensar candidatar-me a outro emprego de professor numa escola local a seguir ao próximo semestre. Espero que para o ano, por esta altura, já esteja a dar aulas novamente. Por enquanto, vivo do empréstimo para estudantes. Felizmente, os meus avós têm-me apoiado enquanto faço o mestrado. Sem eles, não seria possível, isso é certo.

Esta noite, o Gavin e a Eddie vêm cá jantar. Acho que vou fazer cheeseburgers. *Sim,* cheeseburgers *parece-me bem. É tudo o que tenho a dizer por agora...*

— A Layken está aqui ou do outro lado? — pergunta a Eddie, espreitando pela porta da frente.

— Do outro lado — respondo da cozinha.

Pergunto-me se terei algum aviso afixado à entrada da minha casa a pedir que *não batam* à porta. A Lake nunca

bate à porta, mas o seu à-vontade nesta casa parece ter-se estendido também à Eddie. Ela atravessa a rua em direção à casa da Lake e o Gavin entra, batendo com os nós dos dedos na porta. Não é uma batida formal, mas pelo menos faz um esforço.

— O que é que vamos comer? — pergunta. Descalça os sapatos à porta e dirige-se para a cozinha.

— *Cheeseburgers*. — Entrego-lhe uma espátula e aponto para o fogão, indicando-lhe que vire os hambúrgueres enquanto eu tiro as batatas fritas do forno.

— Will, já reparaste que a tarefa de cozinhar sobra sempre para nós?

— Talvez isso nem seja assim tão mau — respondo, enquanto descolo as batatas fritas da assadeira. — Lembras-te do *fettuccine Alfredo* da Eddie?

Ele faz uma careta ao recordar.

— Bem visto — diz.

Chamo o Kel e o Caulder para virem pôr a mesa. No último ano, desde que eu e a Lake estamos juntos, o Gavin e a Eddie têm vindo jantar connosco pelo menos duas vezes por semana. Acabei por ter de investir numa mesa de jantar, porque o balcão estava a tornar-se demasiado pequeno.

— Olá, Gavin — diz o Kel. Entra na cozinha e tira uns quantos copos do armário.

— Olha lá — responde o Gavin. — Já decidiste onde é que vamos fazer a tua festa na próxima semana?

O Kel dá de ombros.

— Não sei. Podemos ir jogar *bowling*. Ou podíamos fazer qualquer coisa cá por casa.

O Caulder entra na cozinha e começa a pôr os pratos na mesa. Olho para trás e vejo que estão a pôr um prato a mais.

— Estamos à espera de mais alguém? — pergunto.

— O Kel convidou a Kiersten — responde o Caulder, num tom provocador.

A Kiersten mudou-se para uma casa na nossa rua há cerca de um mês, e o Kel parece ter uma paixoneta por ela. Mas não o admite. Está prestes a fazer 11 anos, portanto, eu e a Lake já esperávamos que isso acontecesse. A Kiersten é alguns meses mais velha do que ele e muito mais alta. As raparigas atingem a puberdade muito mais cedo do que os rapazes, por isso talvez ele acabe por apanhá-la.

— Da próxima vez que convidarem alguém, avisem-me. Agora tenho de fazer mais um hambúrguer. — Vou até ao frigorífico e tiro outro hambúrguer.

— Ela não come carne — diz o Kel. — É vegetariana.

Já estou mesmo a ver. Guardo novamente a carne no frigorífico.

— Não tenho carne falsa. O que é que ela vai comer? Pão?

— Pão está ótimo — diz a Kiersten, ao entrar pela porta da frente... sem bater. — Gosto de pão. Também gosto de batatas fritas. Só não como coisas provenientes da morte injustificada de animais.

A Kiersten dirige-se à mesa, pega no rolo de guardanapos de papel e começa a rasgá-los, colocando um ao lado de cada prato. A sua autoconfiança lembra-me um pouco a Eddie.

— Quem é ela? — pergunta o Gavin, observando a Kiersten a comportar-se como se estivesse em casa.

É a primeira vez que janta connosco, mas ninguém diria, pela forma como está a assumir o comando.

— É a vizinha de 11 anos de que te falei. A que eu acho que é uma impostora por causa das coisas que diz. Começo a suspeitar que é, na verdade, uma anã adulta a fingir ser uma criança ruiva.

— Ah, aquela por quem o Kel tem uma paixoneta? — O Gavin sorri, e vejo que está a pensar em formas de envergonhar o Kel ao jantar. Esta noite promete.

Eu e o Gavin tornámo-nos bastante próximos neste último ano. E isso é bom, acho eu, tendo em conta que a Eddie e a Lake são as melhores amigas. O Kel e o Caulder também gostam muito deles. O que é bom. Gosto da nossa dinâmica. Espero que continue assim.

A Eddie e a Lake entram quando estamos a sentar-nos à mesa. A Lake tem o cabelo molhado preso num coque no topo da cabeça, e está de chinelos, calças de treino e uma t-shirt. Adoro isso nela — o facto de se sentir tão à vontade aqui. Ela senta-se ao meu lado, inclina-se e dá-me um beijo na bochecha.

— Obrigada, amor. Desculpa a demora. Estava a tentar matricular-me online na aula de Estatística, mas a turma já está cheia. Acho que vou ter de ir bajular alguém da secretaria amanhã.

— Porque queres fazer Estatística? — pergunta o Gavin. Pega no ketchup e espreme-o para o prato.

— Fiz Álgebra II no mini-semestre de inverno. Estou a tentar livrar-me de todas as disciplinas ligadas à Matemática no primeiro ano, porque detesto Matemática. — A Lake tira o ketchup das mãos do Gavin e espreme um pouco para o meu prato, e depois para o dela.

— Qual é a pressa? Já tens mais créditos do que eu e a Eddie juntos — diz ele. A Eddie concorda com um aceno de cabeça, enquanto dá uma dentada no hambúrguer.

A Lake inclina a cabeça na direção do Kel e do Caulder.

— Já tenho mais *crianças* a meu cargo do que tu e a Eddie juntos. É *por isso* que estou com pressa.

— Vais formar-te em quê? — pergunta a Kiersten à Lake.

A Eddie olha para a Kiersten, apercebendo-se finalmente de que há mais alguém à mesa além de nós.

— Quem és tu?

A Kiersten olha para a Eddie e sorri.

— Sou a Kiersten. Moro numa diagonal da casa do Will e do Caulder, e numa paralela à da Layken e do Kel. Mudámo--nos de Detroit para cá pouco antes do Natal. A minha mãe diz que precisávamos de sair da cidade antes que a cidade se apoderasse de nós... seja lá o que for que isso signifique. Tenho 11 anos. Fiz 11 a 11/11/11. Foi um dia importante, sabes? Não há muita gente que possa dizer que fez 11 anos no dia 11 de novembro de 2011. Só tenho pena de ter nascido às três da tarde. Se tivesse nascido às 11:11, tenho a certeza de que teria aparecido nas notícias ou algo do género. Podia ter gravado a reportagem para a usar um dia no meu portefólio. Quando crescer, quero ser atriz.

A Eddie, tal como todos nós, fica a olhar para a Kiersten sem responder. A Kiersten não se apercebe, vira-se para a Lake e repete a pergunta.

— Vais formar-te em quê, Layken?

A Lake pousa o hambúrguer no prato e pigarreia. Sei o quanto odeia esta pergunta. Mas tenta responder com confiança.

— Ainda não decidi.

A Kiersten olha para ela com pena.

— Estou a ver. Os famosos indecisos. O meu irmão mais velho já está no segundo ano da faculdade há três anos. Já tem créditos suficientes para ter cinco áreas de especialização. Mas acho que continua indeciso, porque prefere dormir todos os dias até ao meio-dia, estar só três horas nas aulas e sair todas as noites, em vez de acabar o curso e arranjar um emprego a sério. A minha mãe diz que não é verdade, que ele está só a tentar «descobrir o seu verdadeiro potencial», a analisar todos os seus interesses. Na minha opinião, acho que é tudo uma tanga do caraças.

Tusso quando sinto o gole que acabei de dar a tentar voltar-me à boca por causa da minha gargalhada.

— Disseste «caraças»! — diz o Kel.

— Kel, não digas «caraças»! — exclama a Lake.

— Mas ela disse «caraças» primeiro — diz o Caulder, defendendo o Kel.

— Caulder, não digas «caraças»! — grito.

— Desculpem — diz a Kiersten para mim e para a Lake. — A minha mãe diz que a Comissão Federal de Comunicações é responsável por inventar palavrões apenas para chocar os média. Ela diz que se todos os usassem com frequência, deixariam de ser considerados palavrões e ninguém se ofenderia com eles.

Esta criança é difícil de acompanhar!

— A tua mãe *incentiva-te* a dizer palavrões? — pergunta o Gavin.

A Kiersten acena com a cabeça.

— Não vejo as coisas dessa forma. É mais como se ela estivesse a encorajar-nos a minar um sistema imperfeito devido ao uso excessivo de palavras que são consideradas prejudiciais, quando na verdade são apenas letras misturadas como em qualquer outra palavra. É isso que são, letras misturadas. Por exemplo, a palavra «borboleta». E se um dia alguém decidisse que «borboleta» é um palavrão? As pessoas haveriam de começar a usar a palavra «borboleta» como um insulto para enfatizar coisas de forma negativa. A *palavra* em si não significa nada. É a associação negativa que as pessoas atribuem a essas palavras que as transforma em palavrões. Então, se todos decidíssemos continuar a dizer «borboleta» o tempo todo, as pessoas deixariam de se importar. O impacto diminuiria e voltaria a ser apenas mais uma palavra. O mesmo acontece com todas as outras palavras que consideramos palavrões. Se todos começássemos a dizê-las constantemente, deixariam de ser palavrões. Pelo menos é o que a minha mãe diz. — Ela sorri, pega numa batata frita e mergulha-a no ketchup.

Quando a Kiersten cá vem, fico sempre a pensar em como é que ela ficou assim. Ainda não conheci a mãe dela, mas, pelo que percebi, deve ser mesmo uma pessoa fora do normal. A Kiersten é obviamente mais inteligente do que a maioria das crianças da sua idade, ainda que de uma forma estranha. As coisas que lhe saem da boca fazem o Kel e o Caulder parecerem relativamente normais.

— Kiersten? — chama a Eddie. — Queres ser a minha nova melhor amiga?

A Lake pega numa batata frita do seu prato e atira-a à Eddie, acertando-lhe na cara.

— Deixa-te de tangas — diz a Lake.

— Oh, vai-te *borboletar* — responde a Eddie. Pega numa batata frita e atira-a na direção da Lake.

Interceto a batata frita no ar, na esperança de evitar outra guerra de comida, como aconteceu na semana passada. Ainda continuo a encontrar brócolos por todo o lado.

— Parem! — digo, largando a batata frita sobre a mesa. — Se vocês as duas voltarem a fazer outra guerra de comida em minha casa, dou-vos um pontapé nas borboletas!

A Lake percebe que estou a falar a sério, por isso aperta-me a perna debaixo da mesa e muda de assunto.

— Hora do fixe e do chato — diz ela.

— Hora do fixe e do chato? — pergunta a Kiersten, confusa.

O Kel explica-lhe:

— É quando temos de dizer o que foi fixe e o que foi chato no nosso dia. Os momentos bons e os maus. Fazemo-lo todas as noites ao jantar.

A Kiersten acena com a cabeça como se tivesse entendido.

— Eu começo — diz a Eddie. — O meu chato hoje foi a matrícula. Fiquei com aulas às segundas, quartas e sextas. As turmas de terças e quintas já estavam cheias.

Toda a gente quer os horários de terça e quinta-feira. As aulas são mais longas, mas compensa ir apenas duas vezes por semana em vez de três.

— O meu *fixe* foi conhecer a Kiersten, a minha nova melhor amiga — diz a Eddie, olhando de relance para a Lake.

A Lake pega noutra batata frita e atira-a à Eddie. A Eddie esquiva-se e a batata passa-lhe por cima da cabeça. Pego no

prato da Lake e empurro-o para o meu outro lado, para longe do seu alcance.

A Lake dá de ombros e sorri para mim.

— Desculpa. — Tira uma batata do meu prato e leva-a à boca.

— É a tua vez, professor Cooper — diz a Eddie. Continua a chamar-me assim, principalmente quando quer dizer que estou a ser «uma seca».

— O meu momento chato do dia também foi decididamente a matrícula. Fiquei com aulas às segundas, quartas e sextas.

A Lake vira-se para mim, chateada.

— O quê? Pensei que íamos os dois ter aulas às terças e quintas.

— Eu tentei, amor. Mas não tinham aulas do meu nível nesses dias. Eu mandei-te mensagem.

Ela faz beicinho.

— Isso, sim, é uma chatice — diz. — E eu não recebi a tua mensagem. Não encontro o meu telemóvel outra vez.

Anda sempre a perder o telemóvel.

— E qual foi o teu momento fixe do dia? — pergunta-me a Eddie.

Esta é fácil.

— O meu momento fixe é agora — respondo, dando um beijo na testa da Lake.

O Kel e o Caulder resmungam.

— Will, dizes isso *todas* as noites — diz o Caulder, irritado.

— É a minha vez — diz a Lake. — Na verdade, a matrícula foi o meu momento fixe. Ainda não consegui decidir-me

em relação a Estatística, mas as outras quatro disciplinas são exatamente o que eu queria. — Olha para a Eddie e continua. — O meu momento chato foi perder a minha melhor amiga para uma miúda de 11 anos.

A Eddie ri-se.

— Também quero jogar — atira a Kiersten. Ninguém se opõe. — O meu momento chato foi jantar pão — diz ela, olhando para o prato.

É atrevida. Atiro-lhe outra fatia de pão para o prato.

— Pode ser que, da próxima vez que apareças em casa de um carnívoro sem ser convidada, tragas a tua própria carne falsa.

Ela ignora o meu comentário.

— O meu momento fixe foi às três da tarde.

— O que é que aconteceu às três da tarde? — pergunta o Gavin.

A Kiersten encolhe os ombros.

— Acabaram as aulas. *Detesto* aquela borboleta de escola.

As três crianças trocam olhares, como se houvesse um acordo tácito entre si. Tenho de me lembrar de falar com o Caulder sobre isso mais tarde. A Lake dá-me uma cotovelada e lança-me um olhar interrogativo, indicando que está a pensar o mesmo que eu.

— É a tua vez, seja lá qual for o teu nome — diz a Kiersten ao Gavin.

— É Gavin. E o meu momento chato é o facto de uma miúda de 11 anos ter um vocabulário mais extenso do que o meu — diz, sorrindo para a Kiersten. — O meu momento fixe de hoje é um bocado surpresa. — Olha para a Eddie à espera da sua reação.

— O que é? — pergunta a Eddie.

— Sim, o que é? — insiste a Lake.

Também estou curioso. O Gavin recosta-se na cadeira com um sorriso, à espera de que adivinhemos.

A Eddie dá-lhe um empurrão.

— Conta lá! — diz ela.

Ele inclina-se para a frente na cadeira e bate com as mãos na mesa.

— Arranjei emprego! Na Getty's, a entregar pizzas! — Por alguma razão, parece contente.

— Chamas a *isso* um momento fixe? Entregar pizzas? — pergunta a Eddie. — Está mais para um momento chato.

— Tu sabes que eu andava à procura de emprego. E é na Getty's. Nós adoramos a Getty's!

A Eddie revira os olhos.

— Pois, então parabéns — diz ela, sem convicção.

— Vamos poder comer pizza de graça? — pergunta o Kel.

— Não, mas temos desconto — responde o Gavin.

— Então, esse é o meu momento fixe do dia — afirma o Kel. — Pizza barata! — O Gavin parece contente por alguém estar feliz por ele. — Hoje, o meu momento chato foi a diretora Brill — conta o Kel.

— Meu Deus, o que é que ela fez? — pergunta a Lake. — Ou melhor, o que é que *tu* fizeste?

— Não fui só eu — responde o Kel.

O Caulder coloca o cotovelo na mesa e tenta esconder o rosto do meu campo de visão.

— O que é que fizeste, Caulder? — pergunto-lhe. Ele baixa a mão e olha para o Gavin, que coloca o cotovelo

sobre a mesa e também esconde o rosto do meu campo de visão. Depois, continua a comer, ignorando o meu olhar.
— Gavin? Que brincadeira é que lhes ensinaste desta vez?

O Gavin pega em duas batatas fritas e atira-as ao Kel e ao Caulder.

— Já chega! Não vos conto mais nada. Vocês dois metem-me sempre em sarilhos! — O Kel e o Caulder riem-se e atiram-lhe as batatas fritas de volta.

— Eu conto, não me importo — diz a Kiersten. — Eles meteram-se em sarilhos à hora do almoço. A Sra. Brill estava do outro lado do refeitório e eles estavam a pensar numa maneira de a pôr a correr. Toda a gente diz que ela parece um pato a correr, e nós queríamos ver. Então, o Kel fingiu que estava a sufocar e o Caulder fez um grande alarido, pôs-se atrás dele e começou a bater-lhe nas costas, fingindo que lhe estava a fazer a manobra de Heimlich. A Sra. Brill ficou apavorada! Quando chegou à nossa mesa, o Kel disse que já estava bem. Ele disse à Sra. Brill que o Caulder lhe tinha salvado a vida. Teria corrido tudo bem, se ela não tivesse já pedido a alguém para ligar para o número de emergência. Em poucos minutos, duas ambulâncias e um carro dos bombeiros apareceram na escola. Um dos rapazes da mesa ao lado disse à Sra. Brill que eles estavam a fingir, por isso o Kel foi chamado ao Conselho Diretivo.

A Lake inclina-se para a frente e olha para o Kel, furiosa.

— Por favor, diz-me que não é verdade.

O Kel ergue o olhar com uma expressão inocente.

— Era uma brincadeira. Não pensei que alguém fosse chamar uma ambulância. Agora vou ter de passar a próxima semana inteira de castigo.

— Porque é que a Sra. Brill não me ligou? — pergunta-lhe a Lake.

— Tenho quase a certeza de que ligou — responde ele. — Perdeste o telemóvel, lembras-te?

— Argh! Se ela me convocar para outra reunião, ficas de castigo!

Olho para o Caulder, que tenta evitar o meu olhar.

— Caulder, e tu? Porque é que a Sra. Brill não me ligou?

Ele vira-se para mim e lança-me um sorriso maroto.

— O Kel mentiu por mim. Disse-lhe que eu pensava mesmo que ele estava a engasgar-se e que eu só estava a tentar salvar-lhe a vida — explica. — E foi esse o meu momento fixe do dia. Fui recompensado pelo meu comportamento heroico. A Sra. Brill deu-me duas autorizações de dispensa da sala de estudo.

Só o Caulder é que conseguiria arranjar uma maneira de evitar ser castigado e ainda ser recompensado.

— Vocês os dois têm de parar com essas parvoíces — digo-lhes. — E Gavin, já chega de lhes ensinares partidas.

— Sim, senhor, professor Cooper — responde o Gavin de forma sarcástica. — Mas eu preciso mesmo de saber — diz ele, olhando para os miúdos. — Ela anda mesmo à pata?

— Sim — A Kiersten ri-se. — Ela parece mesmo uma pata a correr. — Olha para o Caulder. — Qual foi o teu momento chato, Caulder?

Ele fica com uma expressão séria.

— O meu melhor amigo quase morreu engasgado. Ele podia ter *morrido*.

Todos nos rimos. Por mais que eu e a Lake tentemos ser responsáveis, por vezes é difícil traçar uma linha entre

ser quem impõe as regras e ser o irmão. Temos de saber escolher que batalhas queremos travar com os rapazes, e a Lake diz que é importante não serem muitas. Olho para ela e vejo que está a rir, por isso presumo que esta não seja uma batalha que queira travar.

— Já posso acabar de comer? — pergunta a Lake, apontando para o prato, ainda do meu outro lado, fora do seu alcance. Empurro o prato para a frente dela. — Obrigada, professor Cooper — responde.

Dou-lhe um toque com os joelhos por baixo da mesa. Sabe que odeio quando me trata assim. Não sei porque é que me incomoda tanto. Provavelmente porque foi uma tortura ser professor dela. Tivemos uma ligação tão forte logo na primeira noite em que saímos. Nunca tinha conhecido ninguém com quem me divertisse tanto a ser eu mesmo. Passei o fim de semana inteiro a pensar nela. Mas no momento em que virei a esquina e a vi parada no corredor à porta da minha sala de aula, foi como se o meu coração me tivesse sido arrancado do peito. Soube imediatamente o que ela estava ali a fazer, embora ela tenha demorado um pouco mais para se aperceber. Quando descobriu que eu era professor, a expressão nos seus olhos arrasou-me por completo. Estava magoada. De coração partido. Tal como eu. De uma coisa tenho a certeza, nunca mais quero ver aquela expressão nos olhos dela.

A Kiersten levanta-se e leva o prato para a pia.

— Tenho de ir. Obrigada pelo pão, Will — diz com sarcasmo. — Estava delicioso.

— Eu também já vou indo. Acompanho-te até casa — diz o Kel. Levanta-se rapidamente e segue-a até à porta.

Olho para a Lake, e ela revira os olhos. Incomoda-a que o Kel esteja a viver a sua primeira paixão. Não gosta de pensar que em breve teremos de lidar com as hormonas da adolescência.

O Caulder levanta-se da mesa.

— Vou ver televisão para o meu quarto — avisa. — Até logo, Kel. Tchau, Kiersten. — Ambos se despedem ao sair.

— Adorei aquela miúda — diz a Eddie, depois de a Kiersten sair. — Espero que o Kel a peça em namoro. Espero que eles cresçam, se casem e tenham muitos bebés esquisitos. Espero que ela fique na nossa família para sempre.

— Cala-te, Eddie — diz a Lake. — Ele só tem 10 anos. É demasiado novo para ter uma namorada.

— Nem por isso. Faz 11 anos daqui a oito dias — comenta o Gavin.

— Sim, 11 é a idade ideal para começar a namorar.

A Lake pega numa mão-cheia de batatas fritas e atira-as à cara do Gavin.

Eu limito-me a suspirar. É impossível controlá-la.

— Esta noite, limpas tu — digo-lhe. — E tu também — atiro para a Eddie. — Gavin, vamos ver um jogo de futebol americano, como homens a sério, enquanto as mulheres fazem o seu trabalho.

O Gavin empurra o copo na direção da Eddie.

— Enche o copo, mulher. Vou ver o jogo.

Enquanto a Eddie e a Lake limpam a cozinha, aproveito para pedir um favor ao Gavin. Há semanas que eu e a Lake não temos tempo nenhum só para nós, porque estamos sempre a cuidar dos rapazes. Preciso mesmo de algum tempo a sós com ela.

— Achas que tu e a Eddie podem levar o Kel e o Caulder ao cinema amanhã à noite?

Ele demora a responder, o que me faz sentir culpado por ter perguntado. Talvez já tenham planos.

— Depende — responde finalmente. — Também temos de levar a Kiersten?

Rio-me.

— Isso é lá com a tua namorada. Ela é que é a melhor amiga dela.

O Gavin revira os olhos ao pensar nisso.

— É na boa, já tínhamos planos para ver um filme, de qualquer maneira. A que horas? Quanto tempo precisas que fiquemos com eles?

— Não importa. Não vamos a lado nenhum. Só preciso de algumas horas a sós com a Lake. Tenho uma coisa para lhe dar.

— Ah... estou a ver — diz. — Manda-me uma mensagem quando acabares de «lhe dar» essa coisa, que nós depois trazemos os miúdos a casa.

Abano a cabeça ao perceber a sua suposição e rio-me. Gosto do Gavin. O que odeio, porém, é o facto de que tudo o que acontece entre mim e a Lake, e entre o Gavin e a Eddie... pareça ser do *conhecimento* de todos. Essa é a desvantagem de namorar com melhores amigas: não há segredos.

— Vamos embora — diz a Eddie, puxando o Gavin do sofá para que se levante. — Obrigada pelo jantar, Will. O Joel quer que vocês lá vão no próximo fim de semana. Disse que vai fazer tamales.

Não sou de recusar tamales.

— Contem connosco — digo.

Quando a Eddie e o Gavin saem, a Lake vem para a sala e senta-se no sofá, cruzando as pernas sob o corpo enquanto se aconchega a mim. Passo o braço à volta dela e puxo-a para mais perto.

— Estou triste — diz. — Esperava que ao menos tivéssemos os mesmos dias este semestre. Nunca temos tempo a sós, com todas estas borboletas de crianças a correr por todo o lado.

Seria de esperar que, morando do outro lado da rua, tivéssemos todo o tempo do mundo para estar juntos. Mas não é o caso. No semestre passado, ela tinha aulas às segundas, quartas e sextas-feiras, e eu tinha aulas todos os dias. Passávamos grande parte dos fins de semana a fazer trabalhos de casa, mas era com os desportos do Kel e do Caulder que ficávamos mais ocupados. Quando a Julia faleceu, em setembro, isso aumentou ainda mais a carga de tarefas da Lake. Tem sido uma adaptação, no mínimo. A única coisa que parece estar a faltar é tempo de qualidade a sós. É um pouco estranho, se os rapazes estiverem numa casa, termos de ir para a outra casa para ficarmos a sós. Eles vão quase sempre atrás de nós.

— Havemos de arranjar maneira — digo. — Como sempre fazemos.

Ela puxa o meu rosto na sua direção e dá-me um beijo. Beijo-a todos os dias há mais de um ano e, de alguma forma, os nossos beijos tornam-se cada vez melhores.

— É melhor eu ir — diz ela, por fim. — Tenho de acordar cedo para ir à faculdade terminar a matrícula. Também preciso de garantir que o Kel não está lá fora a namorar com a Kiersten.

Agora achamos piada, mas daqui a alguns anos será a nossa realidade. Ainda nem teremos 25 anos e já estaremos a criar adolescentes. É assustador pensar nisso.

— Espera. Antes de ires... quais são os teus planos para amanhã à noite?

Ela revira os olhos.

— Que pergunta é essa? Tu és o meu plano. Tu és sempre o meu único plano.

— Ótimo. A Eddie e o Gavin vão ficar com os rapazes. Vens ter comigo às sete?

Ela anima-se e sorri.

— Estás a convidar-me para um encontro como deve ser?

Aceno com a cabeça.

— Bem, não tens jeito nenhum, sabias? Nunca tiveste. Às vezes, as raparigas gostam de receber um *convite*, não uma *ordem*.

Está a tentar fazer-se de difícil, o que é inútil, porque já a conquistei. Mesmo assim, entro no jogo dela. Ajoelho-me no chão à sua frente e olho-a nos olhos.

— Lake, dás-me a honra de sair comigo amanhã à noite?

Ela recosta-se no sofá e desvia o olhar.

— Não sei, estou meio ocupada — responde. — Vou verificar a minha agenda e depois aviso-te. — Tenta parecer chateada, mas vai-se formando um sorriso no seu rosto. Ela inclina-se para a frente e abraça-me; perco o equilíbrio e acabamos os dois no chão. Rolo-a para que fiquei de barriga para cima e ela olha para mim a rir-se. — Está bem. Vai buscar-me às sete.

Afasto-lhe o cabelo dos olhos e passo o dedo pela sua bochecha.

— Eu amo-te, Lake.

— Di-lo outra vez — pede.

Beijo-lhe a testa e repito:

— Amo-te, Lake.

— Mais uma vez.

— Eu — beijo-lhe os lábios — amo — beijo-os novamente — te.

— Eu também te amo.

Deito-me sobre ela e entrelaço os meus dedos nos seus. Elevo as nossas mãos por cima da cabeça dela e pressiono-as contra o chão, depois inclino-me como se fosse beijá-la, mas não o faço. Gosto de a provocar quando estamos nesta posição. Mal os meus lábios tocam os seus, ela fecha os olhos, e então afasto-me lentamente. Ela abre os olhos, eu sorrio-lhe e inclino-me novamente. Assim que ela fecha os olhos, afasto-me de novo.

— Mas que raio, Will! Dá-me a borboleta de um beijo já!

Ela segura-me a cara e puxa a minha boca contra a dela. Continuamos a beijar-nos até chegarmos à «hora de parar», como ela gosta de chamar. Ela sai de debaixo de mim e senta-se sobre os joelhos, enquanto eu rebolo para ficar deitado de costas no chão. Não gostamos de nos deixar levar quando não estamos sozinhos em casa. É muito fácil uma pessoa deixar-se levar. Quando percebemos que estamos a ir longe demais, há sempre um de nós que pede para parar.

Antes de a Julia falecer, cometemos o erro de ir longe demais, demasiado cedo — um erro crasso da minha parte.

Ainda só tinham passado duas semanas desde que começáramos a namorar oficialmente, e o Caulder estava a dormir em casa do Kel. Eu e a Lake voltámos para a minha casa depois de uma ida ao cinema. Começámos a curtir no sofá e uma coisa levou à outra, sem que nenhum de nós quisesse parar. Não estávamos a fazer sexo, mas isso teria acabado por acontecer se a Julia não tivesse entrado naquele preciso momento. Ficou furiosa. E nós ficámos mortificados. Ela castigou a Lake e não me deixou vê-la durante duas semanas. Nessas duas semanas, acho que pedi desculpa um milhão de vezes.

A Julia fez-nos prometer que íamos esperar pelo menos um ano. Obrigou a Lake a tomar a pílula e fez-me olhá-la nos olhos e dar-lhe a minha palavra. Não estava zangada por a filha de 18 anos quase ter feito sexo. A Julia era bastante sensata e sabia que isso iria acontecer mais cedo ou mais tarde. O que a magoou foi o facto de eu estar tão disposto a tirar aquela experiência à Lake com apenas duas semanas de namoro. Isso fez-me sentir incrivelmente culpado, por isso acedi a fazer a promessa. Ela também queria que déssemos um bom exemplo ao Kel e ao Caulder, por isso pediu-nos para não passarmos a noite na casa um do outro durante esse ano. Depois da morte dela, mantivemos a nossa palavra. Mais por respeito à Julia do que por qualquer outra coisa. Só Deus sabe como é difícil às vezes. Tantas vezes.

Não falámos sobre isso, mas na semana passada fez exatamente um ano que fizemos essa promessa à Julia. Não quero pressionar a Lake a nada, quero que a decisão seja inteiramente dela, por isso não toquei no assunto. Nem ela.

Mas a verdade é que não temos tido nenhum momento a sós.

— Hora de parar — diz ela, levantando-se. — Vemo-nos amanhã à noite. Às sete. Não te atrases.

— Vai procurar o teu telemóvel e manda-me uma mensagem de boa-noite — peço-lhe.

Ela abre a porta e vira-se para mim enquanto sai de casa, fechando a porta devagar.

— Mais uma vez? — diz.

— Eu amo-te, Lake.

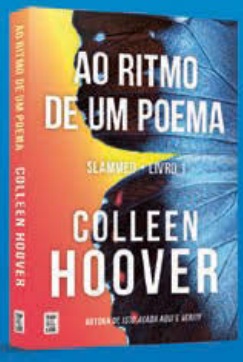
OS TRAUMAS DO PASSADO MOLDARAM-NOS. O AMOR FÊ-LOS AVANÇAR.

Depois de terem conseguido ultrapassar os obstáculos que ameaçavam destruir a sua história de amor, Layken e Will demonstram que foram feitos um para o outro. No entanto, estão prestes a perceber que aquilo que os uniu poderá vir a separá-los.

Layken irá pôr em causa a relação, enquanto Will terá de fazer de tudo para lhe provar que aquilo que sente é verdadeiro. O que descobrem acerca de si próprios durante esta jornada poderá mudar todo o seu mundo e as vidas daqueles que mais dependem deles.

Estarão Layken e Will dispostos a lutar por um futuro juntos sem olharem para trás?

NÃO PERCA, DA MESMA COLEÇÃO:



Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
topseller.suma
penguinlivros
ISBN: 978-989-583-984-1